

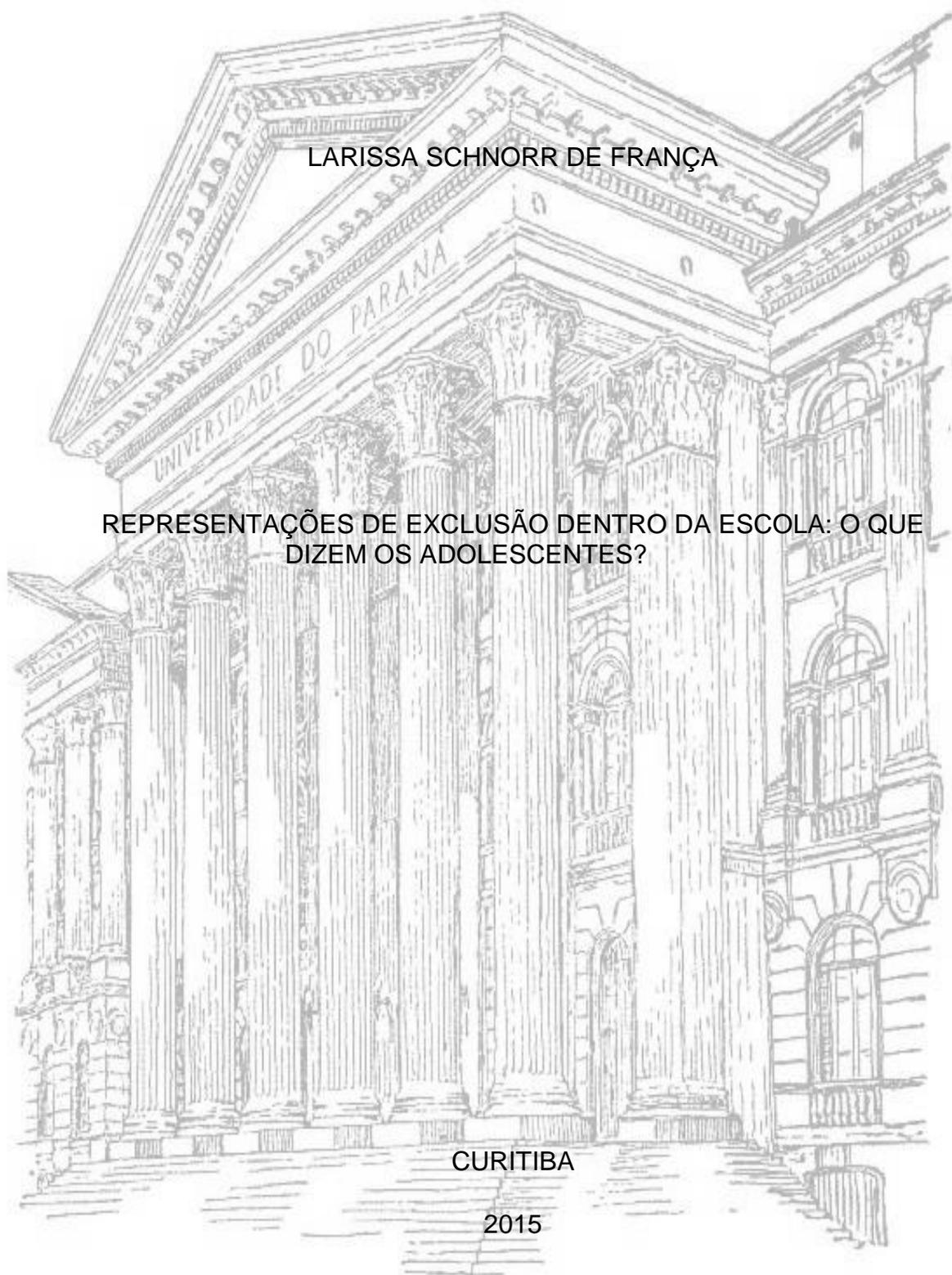
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

LARISSA SCHNORR DE FRANÇA

REPRESENTAÇÕES DE EXCLUSÃO DENTRO DA ESCOLA: O QUE  
DIZEM OS ADOLESCENTES?

CURITIBA

2015



LARISSA SCHNORR DE FRANÇA

REPRESENTAÇÕES DE EXCLUSÃO DENTRO DA ESCOLA: O QUE  
DIZEM OS ADOLESCENTES?

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial  
obrigatório à obtenção de grau em  
Pedagogia, Setor de Educação da  
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tania Stoltz.

CURITIBA

2015

*Ao meu irmão Gian Patrick de França, que teve sua trajetória escolar como  
inspiração para este trabalho.*

## AGRADECIMENTOS

À Deus, pela vida, saúde, espiritualidade diária e pela família que me foi concedida.

Aos meus pais, pelo amor, educação, apoio e dedicação em todos os momentos.

Ao meu companheiro Adriel, pela motivação e apoio diários, pelo carinho e atenção aos meus projetos e por acreditar nos meus sonhos.

Aos meus familiares, pelo incentivo e palavras de afeto.

Aos meus amigos e amigas, pela companhia no decorrer do curso, pela empatia e por vários momentos de parceria e cumplicidade.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Tania Stoltz, por toda a compreensão e afeto nos momentos difíceis, pelo aprendizado, acompanhamento e disposição sempre.

Às Professoras Eliane C. A. Precoma e Evelcy Monteiro Machado e a Flavia Gasparin, pelas contribuições acadêmicas e pessoais no decorrer de nossa convivência no Projeto de Extensão: “Círculo de Estudos e Debates de Pedagogia Social”, por todo o carinho e amizade.

Aos alunos e alunas do nosso país que têm na educação a sua esperança de um futuro melhor e de ser feliz.

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vôo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

*Rubem Alves*

## RESUMO

O presente trabalho teve o intuito de investigar as representações que os alunos adolescentes têm acerca de sua escola. Além disso, este trabalho se propôs diante de seus objetivos: Investigar como o tema da exclusão na escola é tratado pela literatura científica; Identificar as representações de exclusão pelos alunos; Compreender de que forma a escola pode proporcionar um processo de ensino-aprendizagem mais significativo e com implicações para a vida; Identificar ações propostas pelos alunos que podem favorecer as relações dentro da escola. O contexto desta análise foi uma escola da rede pública de ensino do Paraná, localizada no centro de Curitiba, que atende à segunda fase do Ensino Fundamental e Ensino Médio regulares e ao Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos no período noturno, totalizando, nos três períodos, cerca de 600 alunos. Os procedimentos de coleta de dados foram questionários com perguntas abertas, contando com a parceria da escola e com a participação de 70 alunos. A análise de dados pautou-se no levantamento de temas recorrentes a partir da fala dos participantes. De acordo com as representações dos estudantes, ficou evidente que o modelo atual de organização escolar tem se distanciado do que realmente se espera do ensino e da aprendizagem como um elemento significativo na vida dos estudantes.

Palavras-chave: Educação. Representações. Adolescentes. Exclusão.

## RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo investigar el papel que los adolescentes estudiantes tienen acerca de su escuela. Además, este estudio propone ante sus objetivos: Para investigar cómo el tema de la exclusión de la escuela es tratado por la literatura científica; Identificar la exclusión de las representaciones de los estudiantes; Entender cómo la escuela puede proporcionar un proceso y consecuencias para la vida de enseñanza-aprendizaje más significativo; Identificar las acciones propuestas por los estudiantes que pueden fomentar las relaciones dentro de la escuela. El contexto de este análisis era una escuela pública del Paraná, ubicada en el centro de Curitiba, asistiendo a la segunda fase de la escuela primaria y la escuela secundaria regular y la escuela secundaria de la Juventud y Educación de Adultos en la noche, por un total de tres periodos, cerca de 600 estudiantes. Procedimientos para la recogida de datos fueron cuestionarios con preguntas abiertas, con la colaboración de la escuela y con la participación de 70 estudiantes. El análisis de datos fue marcado en la encuesta de los temas recurrentes del discurso de los participantes. De acuerdo con las representaciones de los alumnos, se hizo evidente que el actual modelo de organización escolar se ha alejado de lo que realmente se espera de la enseñanza y el aprendizaje como un elemento significativo en la vida de los estudiantes.

Palabras clave: Educación. Representaciones. Adolescentes. Exclusión.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	11
<b>3</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	20
3.1	DESEMPENHO DAS ESCOLAS BRASILEIRAS.....	20
3.2	FRACASSO E SUCESSO ESCOLAR.....	24
3.3	REPRESENTAÇÃO SOCIAL.....	27
<b>4</b>	<b>CAMPO DE PESQUISA</b> .....	31
4.1	ESTRUTURA.....	31
4.2	ALUNOS.....	32
<b>5</b>	<b>REPRESENTAÇÕES DOS ADOLESCENTES</b> .....	37
5.1	PARA VOCÊ, O QUE É UMA EXCLUSÃO? .....	38
5.2	VOCÊ ACHA IMPORTANTE ESTUDAR? POR QUÊ? .....	41
5.3	COMO PODEMOS MELHORAR O ESPAÇO EDUCATIVO? .....	43
<b>6</b>	<b>REPENSANDO OS MODELOS DA ESCOLA ATUAL</b> .....	47
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	51
	<b>APÊNDICES</b> .....	53

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve o intuito de investigar as representações que os alunos adolescentes têm acerca de sua escola. Como se sentem dentro do espaço educativo, se já presenciaram conflitos e como estes foram resolvidos, quais aspectos julgam positivos e negativos dentro da escola, como são as relações dentro do espaço escolar e quais ações julgam necessárias para melhorar o ambiente.

O tema nasceu de estudos e vivências no decorrer do curso de Pedagogia com discussões acerca da função social da escola para a vida de seus alunos, bem como da universidade para a formação de professoras (es) e pedagogas (os). Com isso salientou-se uma perspectiva crítica que acredita ser necessária a construção de um ensino indissociável entre os aspectos acadêmicos/científicos e as interações sociais, consistindo também num processo integrador diante das especificidades de cada um. Percebeu-se a necessidade de se pensar a educação como um processo de formação humana, aliando o aspecto afetivo ao processo de ensino-aprendizagem e nas relações escolares.

A prática com estágios obrigatórios e não-obrigatórios também possibilitou a observação de alguns espaços públicos e privados de ensino nos níveis de Educação Infantil, Ensino Fundamental com a modalidade da EJA e na Organização e Gestão do Trabalho Pedagógico com o acompanhamento do trabalho de duas Pedagogas na Rede Estadual de Ensino. Estas experiências geraram o seguinte questionamento: Como a própria escola pode ser um objeto de exclusão para com seus alunos? Pensando em como o sistema escolar atualmente tem deixado a desejar no sentido de proporcionar um ensino significativo para a vida de seus alunos dentro e fora da escola, buscou-se compreender como estes atores tem assimilado o processo educativo e acima de tudo como tem se sentido *dentro* da escola e *perante* a escola.

Esta inquietação também se deu devido aos diversos números de evasão escolar e fracasso escolar, casos de violência nas escolas, baixos índices nas avaliações nacionais e internacionais e aos diversos conflitos entre uma nova geração de alunos e um modelo ultrapassado de ensino, aquele que espera os mesmos resultados de todos, desconsidera que os alunos são seres humanos para além do intelecto, que assim como os professores são um misto de emoções, sentimentos,

conflitos, sensações e experiências, influenciados por todas as relações e espaços sociais em que vivem.

A pesquisa teve como objetivo geral compreender o que os alunos entendem por exclusão e quais as suas percepções acerca da escola e do aprendizado proporcionado por ela. Já os objetivos específicos foram: Investigar como o tema da exclusão na escola é tratado pela literatura científica; Identificar as representações de exclusão pelos alunos; Compreender de que forma a escola pode proporcionar um processo de ensino-aprendizagem mais significativo e com implicações para a vida; Identificar ações propostas pelos alunos que podem favorecer as relações dentro da escola.

Este estudo buscou ouvir o que os alunos têm a dizer sobre como se sentem no espaço escolar, visto que muito tem se determinado e direcionado nas escolas sem ao menos problematizar o que está se buscando com aquela ação ou conteúdo, agindo de forma a desconsiderar as experiências que os indivíduos trazem e a não perceber que o interesse é desenvolvido quando encontramos no objeto de estudo uma motivação e um sentido, seja pessoal ou coletivo.

Com a investigação deste trabalho, pretendeu-se identificar como os alunos têm experienciado a escola e as ações desenvolvidas dentro dela, suas relações, condutas e consequências. Tendo em vista os indicadores de fracasso escolar, baixo rendimento (ARROYO, 2000; SOARES, 2005), e os relatos de alunos sobre a pouca significação dos conteúdos escolares para sua vida social, buscou-se problematizar as questões que envolvem o processo de ensino-aprendizagem para além do currículo de saberes científicos, considerando também os fatores afetivos e os contextos sociais.

## 2 METODOLOGIA

Foram realizadas buscas nas bases de dados Scielo, Portal Capes, Google Acadêmico e Psicoinfo de março a agosto de 2015, com os filtros de idioma em português e espanhol e ciências humanas. Utilizaram-se como descritores: *exclusão, inclusão, violência entre pares, escola, pesquisa qualitativa, representações, alunos, estigma, índices, avaliação, Ideb, Pisa e análise de conteúdo*. No total foram encontrados 41 artigos, com temáticas dentro das áreas de educação e saúde, sendo agrupados pelos tópicos: pesquisa qualitativa, análise de conteúdo; índices, escola e avaliação; fracasso e sucesso escolar; Ideb, Pisa, Saeb; inclusão, exclusão e escola; violência entre pares; representações, escola, alunos e estigma. Como apresentado na tabela abaixo:

**Tabela 1: Artigos selecionados para a pesquisa**

<b>Tópicos</b>	<b>Artigos</b>
Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo	<b>A pesquisa qualitativa e a história de vida.</b> <i>Maria Angela Silveira Paulilo</i>
	<b>Análise de conteúdo.</b> <i>Roque Moraes</i>
	<b>Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?</b> <i>Maria Cecilia De S. Minayo</i> <i>Odécio Sanches</i>
Índices, escola e avaliação	<b>Avaliação: para além da “forma escola”.</b> <i>Luiz Carlos De Freitas</i>
	<b>Existem escolas Justas e eficazes? Esboço de resposta baseado no Pisa 2009.</b> <i>Marcel Crahay</i> <i>Ariane Baye</i> <i>Tradução: Fernanda Murad Machado</i>
	<b>Indagações sobre currículo - Currículo e avaliação.</b> <i>Ministério Da Educação - Secretaria De Educação Básica</i>

---

Fracasso e sucesso escolar

**Desvendando a queixa escolar: um estudo no Serviço de psicologia da universidade federal de Rondônia.**

*Mariana Sathie Nakamura*

*Vanessa Aparecida Alves De Lima*

*Iracema Neno Cecilio Tada*

*Maria Hercília Rodrigues Junqueira*

**Fracasso escolar no contexto da escola pública: entre mitos e realidades.**

*Solange Aparecida Bianchini Forgiarini*

*João Carlos Da Silva*

**Fracasso/Sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos.**

*Miguel G. Arroyo*

---

Ideb, Pisa, Saeb

**Desigualdades raciais no sistema brasileiro de educação básica.**

*José Francisco Soares*

*Maria Teresa Gonzaga Alves*

**Contexto escolar e indicadores educacionais: condições desiguais para a efetivação de uma política de avaliação educacional.**

*Maria Teresa Gonzaga Alves*

*José Francisco Soares*

**O ideb: limites e ilusões de uma política educacional.**

*Luana Costa Almeida*

*Adilson Dalben*

*Luiz Carlos De Freitas*

**O ideb e as políticas educacionais na região metropolitana de Curitiba.**

*Andréa Barbosa Gouveia*

*Ângelo Ricardo De Souza*

*Taís Moura Tavares*

---

---

	<b>Qualidade e eqüidade na educação básica brasileira: fatos e possibilidades.</b> <i>José Francisco Soares</i>
Inclusão, exclusão e escola	<b>Adolescência marcada por situações de vulnerabilidade e exclusão social.</b> <i>Fabiana Garlet Bosse</i>  <b>As marcas da indisciplina na escola: caminhos e descaminhos das práticas pedagógicas.</b> <i>Sandra Mara Fulco Pirola</i>  <b>Entre la exclusión y el rescate. Un estudio antropológico en torno a la implementación de programas socioeducativos.</b> <i>María Paula Montesinos</i> <i>Liliana Sinisi</i>  <b>Avaliação do rendimento escolar: como ferramenta de exclusão social.</b> <i>Gislaine Aparecida Batista</i>  <b>Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares.</b> <i>Sandra Maria Nascimento De Mattos</i>  <b>Preconceitos na escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no Ensino Médio.</b> <i>Aliciene Fusca Machado Cordeiro</i> <i>Jully Fortunato Buendgens</i>  <b>Refexiones sobre la construcción de la percepción de exclusión social em jóvenes de enseñanza media: precisiones conceptuales y metodológicas.</b> <i>Ximena Rojas Retamal</i>

---

---

Violência entre pares

**As múltiplas violências da ‘violência’ na escola.  
Desenvolvimento de um enfoque teórico e  
metodológico integrativo.**

*María Inés Bringiotti*

*Marta Krynveniuk*

*Silvia Lasso*

**Bullying – a provocação/vitimação entre pares no  
contexto escolar português.**

*Susana Fonseca De Carvalhosa*

*Luísa Lima*

*Margarida Gaspar De Matos*

**Habilidades pro sociales, rasgos de personalidad de  
género y aceptación de la violencia hacia la mujer, en  
adolescentes que han presenciado violencia entre  
sus padres.**

*César A. Rey A.*

**Intimidações na adolescência: expressões da  
violência entre pares na cultura escolar.**

*Alcione Melo Trindade Do Nascimento*

*Jaileila De Araújo Menezes*

**La violencia no siempre es violencia. El significado  
para los niños y niñas en situación de calle.**

*Alejandra Valencia González*

*Gloria Margarita Alcaraz López*

**O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do  
ensino básico — um questionário aferido para a  
população escolar portuguesa.**

*Isabel P. Freire*

*Ana M. Veiga Simão*

*Ana S. Ferreira*

**Asociación entre los ambientes escolares y las  
actitudes de apoyo hacia la violencia en estudiantes  
colombianos.**

*Silvia Diazgranados Ferrás*

---

---

**Una aproximación relacional a la violencia escolar entre pares en adolescentes chilenos: perspectiva adolescente de los factores intervinientes.**

*Maritgen Potocnjak*

*Christian Berger*

*Tatiana Tomicic*

**Violência entre pares: um estudo de caso numa escola pública de Esteio/RS.**

*Carla Elizabeth Da Silva*

*Ricardo Vigolo De Oliveira*

*Denise Ruschel Bandeira*

*Diogo Onofre De Souza*

**Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no Ensino Fundamental.**

*Fernanda Martins França Pinheiro*

*Lúcia Cavalcanti De Albuquerque Williams*

**Violências “sutis”: jovens e grupos de pares na escola.**

*Suzana Santos Libardi*

*Lucia Rabello De Castro*

---

Representações, escola, alunos e estigma

**A escola segundo alunos do ensino médio de Porto Velho-RO.**

*Diana Campos Fontes*

*Vanessa Aparecida Alves Lima*

**Estigma e currículo oculto.**

*Rita De Cássia Barbosa Paiva Magalhães*

*Erasmio Miessa Ruiz*

**Injustiça na escola: representações sociais de alunos do Ensino fundamental e Médio.**

*Renata Aparecida Carbone*

*Maria Suzana De Stéfano Menin*

**Representações sociais: um domínio em expansão.**

*Denise Jodelet*

---

---

**Os jovens do ensino médio e suas representações sociais.**

*Maria Laura P. Barbosa Franco*

*Gláucia Torres Franco Novaes*

**Os sentidos da presença dos jovens no ensino médio: representações da escola em três filmes de estudantes.**

*Ana Karina Brenner*

*Paulo Cesar Rodrigues Carrano*

**Preciso estudar para ser alguém: memória e representações sociais da educação escolar.**

*Luciene Alves Miguez Naiff*

*Celso Pereira De Sá*

*Denis Giovanni Monteiro Naiff*

**Representações sociais do projeto de vida entre adolescentes no Ensino Médio.**

*Maria Quitéria Dos Santos Marcelino*

*Maria de Fátima Fernandes Martins Catão*

*Claudia Maria Pereira de Lima*

**A teoria das representações sociais.**

*Patrícia Regina De Moraes*

*Indira Coelho De Souza*

*Denise Almada De Oliveira Pinto Sebastião José*

*Estevam Wanderley Adaid Munhoz*

---

Fonte: Artigos encontrados pela autora nas bases de dados Scielo, Portal Capes, Google Acadêmico e Psicoinfo, 2015.

Os artigos foram organizados de acordo com a similaridade do tema e, a partir da leitura deste material, foram excluídos os artigos que fugiram da temática deste trabalho de análise da escola, sejam por seus objetos de estudo serem voltadas mais para a família ou à saúde, ou por terem conteúdos repetidos.

Após este processo de seleção, foram lidos novamente os artigos escolhidos e mais uma vez selecionados para a revisão de literatura somente aqueles que apresentaram pesquisas com dados referentes ao sucesso e fracasso escolar, índices

de violência, preconceito e exclusão nas escolas, e estudos com representações de sujeitos utilizando, em sua maioria, análise de conteúdo.

Esta investigação foi de caráter qualitativo (LUDKE; ANDRÉ, 1986), utilizando como estratégias metodológicas a imersão, observação e descrição do espaço educativo em diário de campo, a aplicação de questionários, o processo de apreensão dos sentidos e significados, tendo em vista que os elementos analisados foram as falas dos alunos, sujeitos desta pesquisa. Em relação a compilação dos dados, a pesquisa teve cunho quantitativo aglutinando as informações em gráficos.

O contexto da análise deste estudo foi uma escola da rede pública de ensino do Paraná, localizada no centro de Curitiba, que atende à segunda fase do Ensino Fundamental e Ensino Médio regulares e o Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos no período noturno, totalizando, nos três períodos, cerca de 600 alunos. O instrumento de coleta de dados foi um questionário com perguntas abertas, contando com a parceria da escola e com a participação de 70 alunos (Apêndice 2). Os questionários foram aplicados aos estudantes mediante um termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE (Apêndice 1), não revelando a identidade dos alunos e nem o nome da escola.

Esta instituição foi escolhida para a pesquisa devido ao conhecimento prévio do seu trabalho pedagógico, que se apresenta de forma articulada e comprometida com o desenvolvimento do processo educacional, levando em consideração os desafios e demandas presentes no cotidiano da escola, que apresenta características atípicas com relação à diversidade social, comportamental e desempenho de seu alunado, revelando, além disso, diversos conflitos entre alunos e professores, com relatos de indisciplina, uso e venda de drogas e evasão escolar.

Dentro deste universo escolar, foram aplicados questionários somente aos alunos entre 12 e 21 anos, do Ensino Fundamental II (7º, 8º e 9º ano) e Ensino Médio (2º e 3º ano). Esta escolha se deu devido à necessidade de os alunos concordarem em participar do estudo e precisarem assinar um termo de consentimento, tendo em vista que os adolescentes menores de 12 anos precisariam da assinatura dos responsáveis, o que poderia gerar uma falta de adesão à pesquisa ou demora de retorno dos pais, segundo a própria escola.

A construção do questionário se deu baseada em três eixos pré-estabelecidos: as representações de exclusão dos alunos acerca da escola; o conceito de aprendizagem significativa ou de implicações para a vida; as sugestões de melhora da escola presentes nas falas dos estudantes. Em relação ao conceito de exclusão, foi colocada na questão um breve significado da palavra de acordo com o minidicionário da Língua Portuguesa, presumindo uma difícil interpretação ou falta de respostas por não terem muita informação teórica sobre este conceito.

Sobre as implicações para a vida, buscou-se encontrar através das respostas dos alunos, elementos que apontem de que forma a escola age e/ou poderia agir com metodologias, temáticas, discussões e com a aplicação de suas práticas para que estas tenham algum sentido para os adolescentes, de maneira que tudo aquilo que eles têm contato dentro da escola possa corresponder ao ideal de que a escola teria como uma de suas funções sociais a formação integral e humana, respeitando as individualidades e buscando trabalhar com uma perspectiva integradora e democrática.

A aplicação do instrumento de análise deu-se em dois dias alternados, um no período da manhã e outro no período da tarde, com a participação de 26 alunos do Ensino Médio (2º e 3º ano) e 44 alunos do Ensino Fundamental II (7º, 8º e 9º ano) respectivamente. Os alunos participantes da pesquisa tem entre 12 e 21 anos e tiveram livre escolha para optar em responder ao questionário ou não. A pedido da vice-diretora, uma funcionária da biblioteca da escola ajudou na visita às salas para a aplicação do instrumento da pesquisa, contribuindo para a organização e orientação dos alunos.

A pesquisadora responsável explicou o contexto da pesquisa, os objetivos do trabalho e deixou claro para os alunos que as informações pessoais seriam mantidas em sigilo, ressaltando que teriam liberdade para expressar suas opiniões nas respostas e que isto seria imprescindível para o desenvolvimento do trabalho, que tem como essência encontrar as representações dos adolescentes com o intuito de melhorar as relações e o convívio dentro da escola.

Os dados coletados tiveram a análise de conteúdo inspirada em Aguiar e Ozella (2013), desenvolvida nos seguintes passos: organização do material; leitura flutuante do material; compilação quantitativa dos dados gerais dos alunos; análise de

conteúdo com a criação das tabelas com os indicadores e categorias a partir dos objetivos deste trabalho; análise e discussão das categorias; análise e discussão dos resultados.

A caracterização dos alunos foi feita através da verificação individual dos questionários. Na sequência houve uma análise descritiva dos dados que foi apresentada em forma de gráficos, com as informações sobre as idades, séries, etnias, gêneros e bairros onde os estudantes residem. Esta descrição foi importante para expor basicamente quem são os sujeitos desta pesquisa, inferindo, com os dados, sobre as classes sociais, índices de repetência, etnia e gênero.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1 DESEMPENHO DAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Com a intenção de compreender os índices relacionados à avaliação da educação básica nacional, buscou-se encontrar materiais e autores que apresentam e discutem estes resultados, expondo possíveis fatores que favorecem os baixos rendimentos, assim como aprofundar os conhecimentos sobre o cenário da atual educação brasileira, de acordo com as avaliações externas.

Um dos métodos encontrados para se obter dados referentes ao rendimento e desempenho escolar brasileiro é o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), que foi lançado em 2007 pelo Ministério da Educação e avalia todo o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Este indicador é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar<sup>1</sup>, e médias de desempenho nas avaliações do Inep, o Saeb – para as unidades da federação e para o país, e a Prova Brasil – para os municípios, sendo que a aplicação destas provas se dá de dois em dois anos.

Este índice apresenta-se como importante por ser um condutor de política pública a favor da qualidade da educação, assim como é uma ferramenta que tem como um dos objetivos acompanhar as metas para tal. Entre as metas deste instrumento estão o diagnóstico da situação atual da educação básica brasileira, o enfrentamento aos casos individuais que necessitam de melhoria na qualidade e a maior igualdade possível entre as esferas educacionais no país.

Os objetivos gerais desta avaliação, são a contenção do abandono escolar e garantia de uma aprendizagem efetiva, tendo em vista que os resultados da avaliação do IDEB podem ser trabalhados dentro das escolas com um planejamento que busque

---

<sup>1</sup> O Censo Escolar é um levantamento de dados estatísticos educacionais de âmbito nacional realizado todos os anos e coordenado pelo Inep. Ele é feito com a colaboração das secretarias estaduais e municipais de educação e com a participação de todas as escolas públicas e privadas do país. Essas informações são utilizadas para traçar um panorama nacional da educação básica e servem de referência para a formulação de políticas públicas e execução de programas na área da educação. Fonte: Inep, 2011. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>.

alternativas para melhorar a realidade quando houver dados de aparente necessidade.

Em seu artigo, Gouveia, Souza e Tavares (2009) apresentam dados referentes ao IDEB e sua efetividade com relação às políticas educacionais na Região Metropolitana de Curitiba e Litoral do Paraná. Com a pesquisa, os autores puderam perceber que o método avaliativo foi além dos objetivos estimados, chegando a seguinte observação:

Os dados apresentados neste estudo demonstram que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Ideb, criado com o intuito de aferir o desempenho das escolas de educação básica no Brasil, tem relação forte com os indicadores de desigualdade social, o que pode indicar a reprodução de exclusões sociais no âmbito educacional. Em outras palavras, o Ideb parece refletir não apenas as condições de oferta educacional, mas o contexto de desigualdade social e econômica que caracteriza os usuários da escola pública na Região Metropolitana de Curitiba e Litoral, o que pode fazer deste índice instrumento interessante para problematizar as interfaces entre políticas públicas. (GOUVEIA; SOUZA; TAVARES, 2009, p.56).

No estudo fica evidente a ligação dos baixos índices na avaliação externa com o contexto social dos alunos, destacando, portanto, que a educação também está para além da escola e reproduz as desigualdades que existem fora dela, agregando conhecimentos e culturas que estão a sua volta e assimilando padrões de subordinação que colocam os sujeitos muitas vezes numa situação de acomodação e falta de expectativas.

Para Soares (2005), verificar a oferta de uma educação de qualidade não está somente em avaliar os aspectos cognitivos, mas sim em uma educação que tenha sucesso na construção da cidadania de seus alunos. Em seu estudo sobre os resultados da prova do Saeb 2001 em matemática da 8<sup>o</sup> série, são apresentados dados que revelam que os alunos da escola básica brasileira, em sua maioria, não atingiram os objetivos esperados.

Os dados demonstram que além dos problemas de evasão e repetência escolar, o sistema educativo não tem índices de boa qualidade no ensino e apresenta forte desigualdade social, de acordo com grupos privilegiados de gênero, etnia, rede de ensino e localização de moradia. Pode-se inferir que a escola está num momento crítico, onde não há uma correlação entre o que se tem ofertado e o que realmente

faz sentido para os estudantes, perpetuando ainda as exclusões sociais dentro da escola, tal como enfatiza Soares em sua análise:

(...) o sistema brasileiro de escola básica tem grandes e graves problemas, seja de nível de desempenho, seja de equidade interna. A qualidade do ensino não se distribui de forma equânime para todos os estratos da população, pois variações no desempenho escolar global nem sempre ocorrem na mesma direção quando os resultados são discriminados por grupos...Pior, quando se observa alguma qualidade, o ambiente é o de forte desigualdade. (SOARES, 2005, p. 97).

Em geral, revela-se um baixo aproveitamento escolar, podendo ser por falta de participação dos atores educacionais na construção dos saberes e/ou pela falta de contextualização da instituição no espaço que está localizada, agindo muitas vezes de forma artificial e a não enxergar todas as demandas externas que se refletem na escola através dos alunos e seu aprendizado.

De acordo com os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – Pisa (2009), Crahay e Baye (2013) também avançam na discussão sobre a relação entre a origem social dos alunos e seu sucesso ou fracasso escolar. Os resultados demonstram, em média, desempenhos inferiores para alunos de condição socioeconômica modesta em relação aos de condição socioeconômica mais favorável.

Neste estudo, o Pisa (2009) analisa os resultados de testes de leitura e matemática dos países da América Latina, comparando com outros países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE<sup>2</sup>. Os autores defendem a ideia de que eficácia e igualdade devem andar juntas no processo educativo, sendo a escola responsável também pela ação de justiça social reparadora e não apenas refém dos processos de desigualdade social externos a ela,

---

<sup>2</sup> Instituição econômica internacional composta por 34 países, fundada em 1961, para estimular o comércio e o progresso econômico mundial. Atualmente, a OCDE se concentra em auxiliar os governos a lutar contra a pobreza através da promoção do crescimento econômico e estabilidade financeira. Além disso, garante que a dimensão ambiental seja considerada em meio às políticas de desenvolvimento econômico e social.

Fonte: InfoEscola, 2013. Disponível em: <http://www.infoescola.com/economia/organizacao-para-a-cooperacao-e-desenvolvimento-economico-ocde/>.

considerando que há indicadores de países como a Finlândia que conseguem limitar o peso do determinismo social sobre os sistemas educacionais.

Tratando-se dos mecanismos que podem reforçar ou atenuar a influência do fator socioeconômico no rendimento dos alunos, destaca-se no texto o método de repetência adotada por alguns países da análise, revelando que quando praticada tende a agravar as desigualdades e perpetuar o fracasso escolar.

Para comprovar estes fatos, os autores consideraram, além da análise dos índices de reprovação entre alunos favorecidos e desfavorecidos, também os índices de alunos com a mesma competência para leitura independente de sua condição socioeconômica, o que revelou que mesmo com competências equiparadas, os indivíduos desfavorecidos foram mais submetidos a repetências, levando os autores à seguinte observação:

Nesses sistemas educacionais, os alunos desfavorecidos são duplamente penalizados: uma primeira vez porque tendem a ser mais fracos em razão, sem dúvida, de um contexto familiar mais distante da cultura escolar, e uma segunda vez porque tendem a ser mais estigmatizados em razão de sua origem social e a experienciar a repetência mesmo quando demonstram as mesmas competências em leitura. (CRAHAY; BAYE, 2013, p. 21-22).

A conclusão de Crahay e Baye (2013) aponta para a constatação de que a influência das desigualdades sociais para o desempenho escolar está longe de ser superada, demonstrando que ainda há muito a se fazer para se construir uma escola justa e eficaz. As sugestões para se obter uma escola menos desigual vão desde a redução da repetência, o aumento do rendimento escolar médio dos países, elevando o nível dos alunos considerados mais fracos, até a busca da erradicação das práticas consideradas injustas e ineficazes, que permitem e fazem com que a divisão social alcance o aprendizado e a sociabilidade dos alunos dentro da escola, influenciando inclusive a motivação e interesse pela escola.

Reconhecendo que a qualidade da escola frequentada fará diferença na vida dos alunos, é perceptível a importância da implementação de políticas sociais que reduzam as divergências entre a condição socioeconômica e cultural dos alunos, mesmo que a longo prazo. Os efeitos do meio surtem sobre o rendimento dos

estudantes, de modo que para a escola ser mais justa, ela deve propiciar os ambientes mais favoráveis, principalmente àqueles que necessitam melhorar seu desempenho.

A superação das desigualdades no ensino é possível, desde que haja uma ação sobre os sistemas escolares, no conjunto de características necessárias para a melhoria na qualidade das escolas, tratando das estruturas, professores e do trabalho pedagógico que vise o bom desempenho dos alunos. Para isso faz-se indispensável uma abordagem metodológica que considere as histórias de vida dos alunos e trabalhe para que a aprendizagem aconteça mesmo que existam fatores extraescolares de tensões e dificuldades para o trabalho educativo, salientando a importância de um suporte pedagógico sempre que necessário, considerando as demandas existentes e visando uma progressão.

### 3.2 FRACASSO E SUCESSO ESCOLAR

Os paradigmas de fracasso e sucesso escolar têm perpetuado sob a escola de forma constante, refletindo a busca incessante por consumos em diversos segmentos que se põem perante a sociedade, propagando para o campo da educação também os “fracassos” e “sucessos” sociais de forma seletiva e pouco democrática.

O sistema brasileiro de ensino, com suas propostas, métodos e técnicas de medir, quantificar e encontrar indicadores que supostamente estabeleceriam metas para a melhoria da qualidade da educação, acabam na verdade por buscar um padrão idealizado e fora de contexto para o país a partir de referências internacionais, cuja experiência de educação e desigualdade social é extremamente diversa.

Estes índices acabam por culpabilizar o sujeito que não atinge as médias esperadas ou o tão almejado sucesso escolar, que em sua essência não garante a eficácia do ensino e naturaliza os reais problemas estruturais e políticos do sistema, pois, segundo Arroyo

O fracasso escolar é uma expressão do fracasso social, dos complexos processos de reprodução da lógica e da política de exclusão que perpassa todas as instituições sociais e políticas, o Estado, os clubes, os hospitais, as fábricas, as igrejas, as escolas... Política de exclusão que não é exclusiva dos longos momentos autoritários, mas está incrustada nas instituições, inclusive naquelas que trazem em seu sentido e função a democratização de direitos como a saúde, a educação. (ARROYO, 2000, p. 34).

Pode-se observar nos problemas mais frequentes que perturbam a escola, como a repetência, a evasão e a diferença na idade/série dos alunos, que o fracasso escolar está fortemente ligado aos padrões sociais de exclusão e seletividade para além do espaço educativo. A reordenação do sistema como um todo é um fator essencial para retomar a concepção mais humanista e individualizada dos alunos, tendo em vista as especificidades, tempos e subjetividades de cada um.

De acordo com o texto, Arroyo (2000) aponta que os vínculos da educação com o modelo produtivista do mercado de trabalho, que espera um objeto final para se comprovar a qualidade do trabalho, estão a tempos incorporados na concepção de ensino vigente, com um caráter utilitarista e credencialista, favorecendo a uma pequena parcela dos estudantes e elegendo mecanismos de competição e seleção.

Com isso, o autor conclui que é necessária a mudança no sistema e no currículo escolar, rompendo com a lógica seriada e disciplinar, não elegendo conteúdos historicamente privilegiados, mas sim atrelando a educação a uma concepção de desenvolvimento humano, direito a cultura, ao conhecimento e a prática de uma educação universal e democrática.

Partindo destas reflexões sobre os índices escolares, fracasso e sucesso escolar, influência dos níveis socioeconômicos no rendimento dos alunos e importância da escola na trajetória dos alunos, busca-se neste trabalho compreender o que estes atores estão pensando sobre a exclusão na escola, a partir de suas próprias falas.

Carbone e Menin (2004) apresentam em seu artigo duas pesquisas feitas com o intuito de descobrir as representações de injustiça em situações escolares de alunos de São Paulo, sendo uma escola de esfera pública e outra privada.

Na análise dos dados, as autoras concluem que os principais agentes de injustiça apresentados são os professores e os próprios alunos, tendo destaque para os professores como maiores agentes de injustiça na escola particular e na pública sendo percebidos apenas como autoridade a ser questionada em suas atitudes.

O fato de os alunos pertencerem a classes sociais diversas, apresenta um fator diferenciado nos resultados, que sugere até mesmo uma crítica ao sistema

escolar público, pois os alunos da escola pública tendem a apresentar uma postura mais relativa a vivência de injustiças do que os alunos da escola privada, demonstrando já ter certa naturalidade com estas situações.

Este dado pode dar a entender que a própria escola não problematiza e nem incentiva uma postura questionadora e defensiva dos alunos a favor de seus direitos e expressões, pois os alunos têm como familiares situações de injustiça. Evitando a discussão do tema e perpetuando um padrão de normas, controle e acomodação dos alunos e não buscando práticas pedagógicas que visem desenvolver a empatia dos sujeitos, a escola perde por não envolver os alunos como participantes do processo e, por conseguinte, proporcionar o exercício da autonomia, o que de fato poderia amenizar os dilemas e conflitos escolares com metodologias mais dinâmicas e democráticas.

Diante destes estudos, é possível notar que um dos fatores que podem contribuir para o aumento dos índices de evasão escolar, por exemplo, é a falta de interesse dos alunos em permanecer num ambiente onde muitas vezes não veem sentido para frequentar, pois em geral, os moldes escolares não dão liberdade aos alunos para participarem dos processos de formação e constituição do espaço, e com isso não desenvolvem um sentimento de pertencimento àquele local.

Segundo Freitas (2010, p. 93) os padrões enraizados na prática escolar apresentam uma falta de sentido com o que se tem trabalhado, com isso as instituições de ensino têm colaborado para a falta de motivação dos alunos, pois "...isolada da vida, da prática social, do trabalho como atividade humana central para a existência, enfim, vê-se imersa na artificialidade de uma sala de aula sem significado para seus estudantes".

Ainda no mesmo estudo, o autor defende a importância da participação dos estudantes e a necessidade de uma mudança na ideologia do sistema de ensino atual, especialmente nas escolas públicas, oferecendo espaços como ambientes formativos aos estudantes, favorecendo a liberdade de expressão e a participação nas ações e decisões escolares.

Porém, quando se espera que os alunos tenham voz e autonomia dentro do espaço escolar, presume-se que haja uma estrutura e um projeto político pedagógico

que permitam esta liberdade de ação e intervenção, aproximando os atores e envolvendo-os numa cooperação que necessita de responsabilidade e pró-atividade.

Para Gadotti (1998), para a escola trabalhar com autonomia, cidadania e participação de todos, deve estar baseada no conceito de gestão democrática, contando com a atuação da comunidade e dos usuários da escola, considerando os objetivos da instituição e valorizando os sujeitos que participam deste processo.

Estas ações contribuem para a construção de uma perspectiva crítica e de esclarecimento dos estudantes, até mesmo sobre a função social da escola, que tem o papel de assegurar o acesso à educação e o atendimento igualitário a todos, baseando-se na vivência com perspectivas formativas e nas relações com a realidade social, dando oportunidade aos sujeitos de serem atuantes em seu meio.

O aluno aprende apenas quando se torna sujeito da sua aprendizagem. E para ele se tornar sujeito da sua aprendizagem precisa participar das decisões que dizem respeito ao projeto da escola, que faz parte também do projeto de sua vida. Passamos muito tempo na escola para sermos meros clientes dela. Não há educação e aprendizagem sem sujeito da educação e da aprendizagem. A participação pertence à própria natureza do ato pedagógico. (GADOTTI, 1998, p. 17).

Portanto, para construir uma escola com base nos pressupostos de cidadania e autonomia, muito trabalho há que ser feito, resgatando a participação efetiva de todos no exercício da democracia, buscando integrar a educação, a cultura e a comunidade num processo transdisciplinar e tendo como referência também, os saberes acumulados fora da escola, valorizando as experiências dos sujeitos como elementos constituintes do sentimento de pertença ao espaço educativo e, conseqüentemente, gerando uma atitude de cuidado e responsabilidade social com a educação.

### 3.3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Partindo do objetivo deste trabalho, que tem como intuito compreender e analisar as representações dos alunos de uma escola pública na região central de Curitiba, procurou-se conhecer sobre o conceito das representações sociais, para

assim penetrar na compreensão das falas dos adolescentes e possíveis interpretações do conjunto de dados recolhidos através dos questionários.

Em sua teoria, Moscovici (2007) descreve a construção deste conceito, que foi criado através de sua insistência em reconhecer a existência de representações sociais como uma forma característica de conhecimento, que emergem a partir de pontos de conflito dentro das estruturas da própria cultura local. Portanto, “o fenômeno das representações sociais está, por isso, ligado aos processos sociais implicados com diferenças na sociedade.” (MOSCOVICI 2007, p.16).

As representações sociais vão além de uma concepção individual sobre determinado fato ou experiência, são referências que podem ser coletivas devido às estruturas sociais e seus impactos nos sujeitos, revelando muitas vezes uma memória afetiva de determinados acontecimentos que geram empatia através da troca e do diálogo.

A partir da análise das respostas dos estudantes nos questionários, pode-se inferir acerca de suas representações sobre a escola, as relações e os conflitos existentes, ponderando sobre quais ações poderiam melhorar este espaço. As falas dos educandos refletem suas significações pessoais e coletivas, elucidando sobre suas percepções, motivações e sobre a ação da escola sobre sua vida, inclusive sobre os vínculos estabelecidos dentro dela.

Segundo Jodelet (1993, p.17), as representações sociais “circulam nos discursos, são carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens mediáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais”. Portanto, pretendeu-se, com esta pesquisa, encontrar as representações através do discurso dos alunos, compreendendo que suas expressões carregam mensagens e pistas a serem investigadas.

Para que possamos descobrir quais os melhores passos a dar diante da atual condição de nossas escolas públicas, tem-se clareza da necessidade de buscar as representações e as significações sugestivas dos alunos. Tendo em vista ainda o conceito das representações sociais, Jodelet destaca:

A representação social é sempre uma representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito). As características do sujeito e do objeto terão uma incidência sobre o que ela é. A representação social está com seu objeto numa relação de “simbolização”, ela toma seu lugar e de “interpretação”, ela lhe confere significações. Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma “construção” e uma “expressão do sujeito”. (...) Mas a particularidade do estudo das representações sociais é a de integrar na análise desses processos o pertencimento e a participação sociais e culturais do sujeito. (JODELET, 1993, p.10).

Com a análise das representações, pode-se refletir sobre quais estratégias vão ao encontro às realidades e anseios dos alunos, considerando a perspectiva de integração e pertencimento a escola, podendo inclusive adaptar os métodos de trabalho e abordagens pedagógicas para que haja a participação, a expressão e significação das atividades para os educandos.

As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa. (MOSCOVICI, 2007, p.46).

Compreendendo que a escola também é um espaço de socialização, entende-se que na convivência com outros contextos e na imersão em uma cultura escolar determinada por fatores intrínsecos ao meio, é inevitável a formação de atitudes e a aprendizagem para além dos conteúdos curriculares sedimentados, com os sujeitos compartilhando vivências e aprendizagens a partir de suas histórias de vida.

Em seu artigo, Naiff, Sá e Naiff (2008), apresentam um estudo sobre o papel da escola como agente de inclusão ou exclusão, tendo como material de análise as representações de mães e filhas sobre suas vidas no passado, presente e futuro. Na pesquisa, as memórias são relacionadas com a educação e a possibilidade de ascensão social, a inequação das propostas pedagógicas atuais e a vulnerabilidade presente nas vidas das entrevistadas que tiveram sua trajetória escolar interrompida, seja pelo trabalho, gravidez precoce ou falta de significação da escola para seu cotidiano.

A construção da identidade se dá de acordo com os princípios que estão norteando os indivíduos, entre estes as especificidades do grupo que estão inseridos,

interferindo na percepção de mundo e nos referenciais de vida e de objetivos para o futuro. Segundo os autores

As práticas sociais, agravadas por diferenças socioeconômicas, denunciam especificidades grupais que, em última análise, são as referências sociais que nos apoiamos para criar nossa identidade e que vão interferir em nossa percepção do mundo e na memória de nossas vivências. (NAIFF; SÁ; NAIFF, 2008, p.134).

Para as entrevistadas, muito do que se conquista está baseado em seu esforço próprio, revelando que socialmente há um discurso imbuído, principalmente sobre os menos favorecidos, de que a mudança ou a melhoria de vida está relacionada à decisão e esforço pessoal de cada um.

Com os resultados da pesquisa fica clara a relação entre os anos de estudo e o grau de pobreza das participantes. Portanto, analisando os indivíduos como atores sociais, produto e produtores de sua realidade, pode-se inferir a respeito do impacto das representações sociais nos projetos de futuro, construção da identidade e nas interações com o meio, recriando e perpetuando similaridades através de gerações.

Este fato remete novamente aos índices de evasão, fracasso escolar e seletividade das escolas, ressaltando que muitas vezes a oportunidade para estudar é vista pelos estudantes como uma chance para melhorar de vida. Convivendo num ambiente escolar que favoreça o acesso e a permanência dos alunos com políticas sociais de inclusão, com motivação para aprender e participar do processo escolar de forma democrática, pode-se despertar o sentimento de pertencimento ao espaço, assim como alterar as representações dos estudantes sobre o ensino, presumindo uma educação mais igualitária a todos.

## 4 CAMPO DE PESQUISA

### 4.1 ESTRUTURA

O campo de pesquisa deste trabalho foi uma escola da rede pública de ensino do Paraná, que tem 123 anos de atuação e está localizada no centro de Curitiba. O colégio possui a oferta do segundo segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio regulares nos períodos manhã e tarde e o segundo segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos no período noturno, totalizando cerca de 600 alunos.

Com relação aos funcionários da instituição, trabalham neste espaço aproximadamente 60 pessoas, dentre estes, diretor, vice-diretora, pedagogos, inspetores, cozinheiras, bibliotecária, servidores administrativos e professores. Dentro do quadro dos professores há alguns concursados pelo Estado e outros contratados pelo regime PSS (Processo Seletivo Simplificado).

A organização pedagógica da instituição apresenta-se de forma competente e comprometida, mantendo diálogo constante com as famílias e buscando sempre uma aproximação com os alunos, respeitando cada um em sua especificidade. Durante o período de contra turno são ofertadas aulas de reforço aos alunos que apresentam dificuldade e/ou baixo rendimento escolar, revelando uma preocupação com o bom aproveitamento dos estudantes.

O espaço físico tem sua estrutura com padrões mais antigos, não contando com muitos ambientes adequados para atividades externas, por exemplo. As salas estão em médio estado, sendo o espaço aos alunos pouco confortável na maioria das turmas, por haver grande número de estudantes. Um detalhe que chamou atenção e demonstrou uma postura acolhedora da instituição, foi a disponibilidade de um micro-ondas para uso dos estudantes que precisem esquentar seu almoço na escola, sendo que a mesma oferta almoço somente aos alunos do reforço.

A escola enfrenta diversos problemas com a indisciplina dos alunos, alguns professores durante o período de observação na escola por muitas vezes foram até o Pedagogo reclamar de situações adversas, como discussão em sala com agressões verbais, falta de comprometimento dos estudantes com as atividades solicitadas em

aula e para casa, faltas excessivas, alunos que ficam fora de sala e dentro da escola sem participar das aulas, brigas entre alunos, namoro na escola, entre outros.

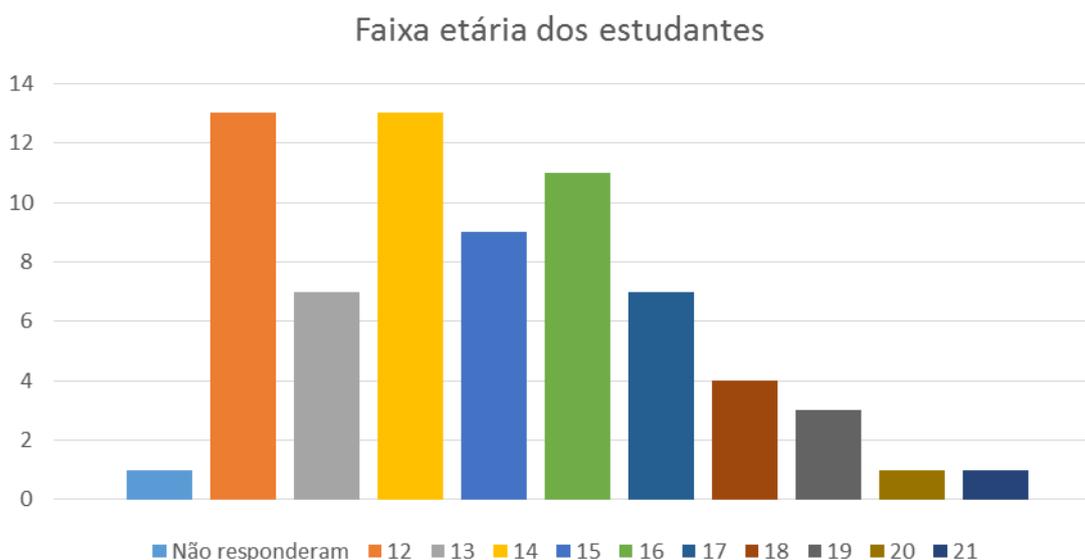
## 4.2 ALUNOS

Dentro deste universo escolar percebeu-se um alunado bem diversificado em questões de idade, bairro onde residem, comportamentos e desempenhos. De acordo com a direção da escola, grande parte dos alunos opta por estudar nesta instituição devido à sua localização, pois aqueles que fazem estágio ou cursos no centro da cidade já estão próximos e não necessitam utilizar o transporte coletivo e outros têm a comodidade de ir junto com os pais no trajeto para o trabalho.

Há também, segundo a escola, uma crença dos pais de que, por ser na região central de Curitiba, a escola tenha uma melhor avaliação, boa qualidade de ensino e melhor grupo de alunos no que se refere ao comportamento, o que incita expectativa de futuro positivo para os filhos.

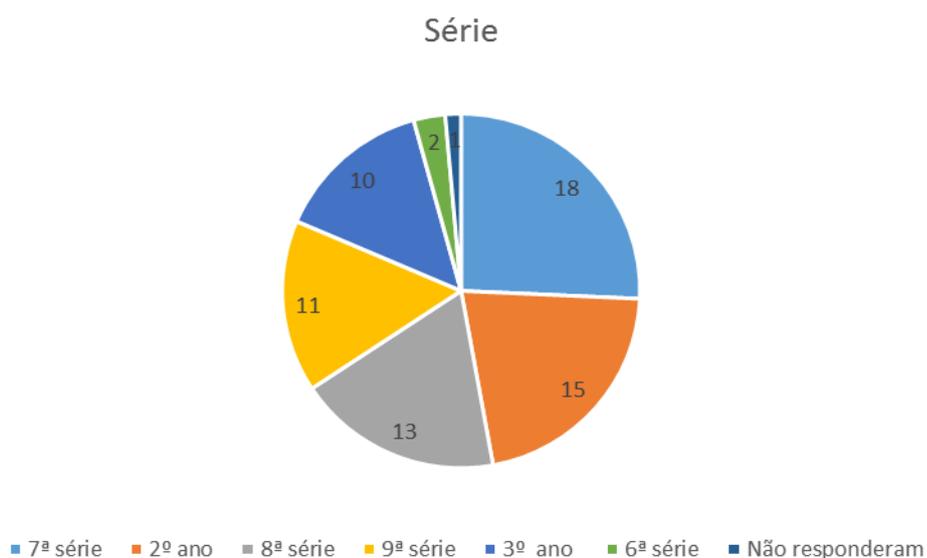
Esta pesquisa teve como instrumento a aplicação de questionários com perguntas abertas aos estudantes do 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e 2º e 3º anos do Ensino Médio. Partindo dos dados encontrados nas respostas dos estudantes, pôde-se fazer uma caracterização de quem são os sujeitos deste estudo, analisando como eles mesmos se colocam no mundo e buscando compreender em qual contexto eles estão inseridos.

Em relação à idade dos participantes, pode-se observar que em sua maioria os alunos estão dentro da idade compatível com a série que se encontram, porém também há um número de alunos com atraso escolar, com idades superiores a 18 anos, como aponta o gráfico abaixo:



Fonte: Dados elaborados pela autora (2015).

O próximo gráfico esboça a quantidade de alunos participantes de acordo com as séries que foram aplicados os questionários. Esta seleção se deu devido à disponibilidade e escolha da escola e dos professores que estavam em sala nos momentos de observação da pesquisadora dentro da instituição e também devido à demanda da pesquisa que buscava informações acerca da escola dos alunos que estão finalizando o Ensino Fundamental e Médio.

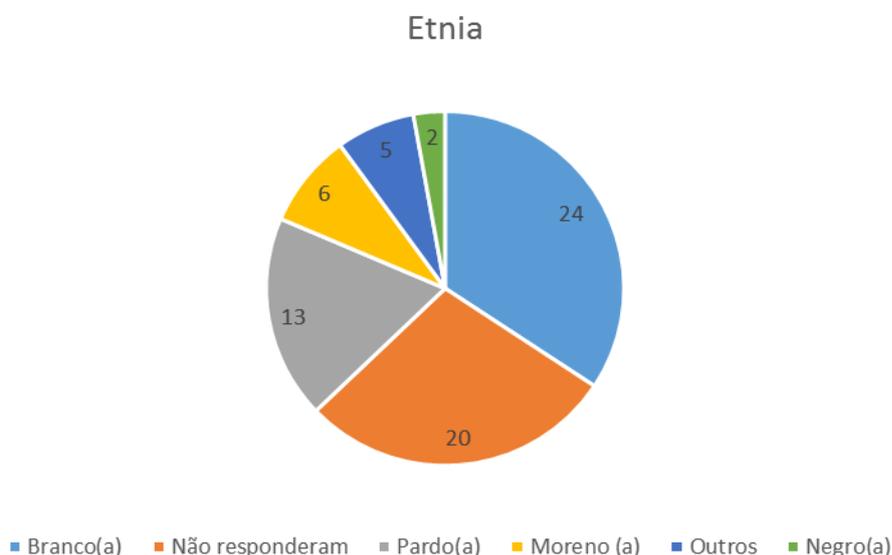


Fonte: Dados elaborados pela autora (2015).

Com relação à etnia dos alunos, verificou-se uma grande dificuldade em compreender esta definição, visto que muitos perguntaram no momento o que isto seria e/ou o que deveriam colocar no espaço destinado a resposta.

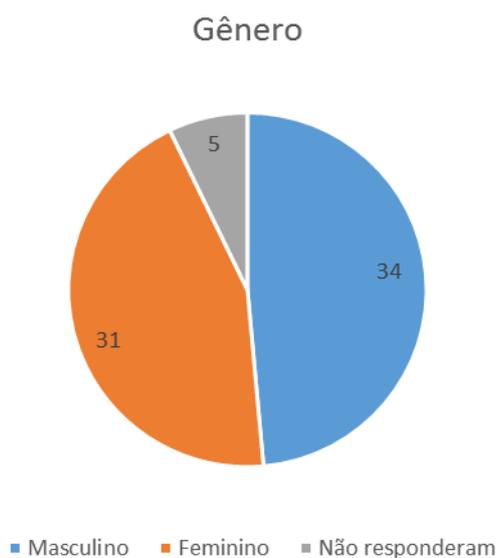
Pode-se observar que a maioria dos participantes colocou que sua etnia é branca, sendo, na sequência, com o maior número aqueles que não responderam à questão, podendo ser um resultado da falta de compreensão deste conceito ou por não saber como se colocar nesta situação. Na continuação, os dados encontram-se em ordem decrescente, com as respostas como pardos, morenos, outros e negros, tendo em vista que nas respostas referentes a “outros” estão definições como “miscigenado”, “ariano”, “caucasiano”, “brasileiro” e “sem cor”, revelando uma possível ironia sobre o tema ou o próprio desconhecimento.

Destaca-se também a relação entre o conceito moreno e negro, analisando que seis alunos colocaram sua etnia como moreno e apenas dois como negro, revelando possivelmente uma falta de autoafirmação em relação à sua própria identidade.



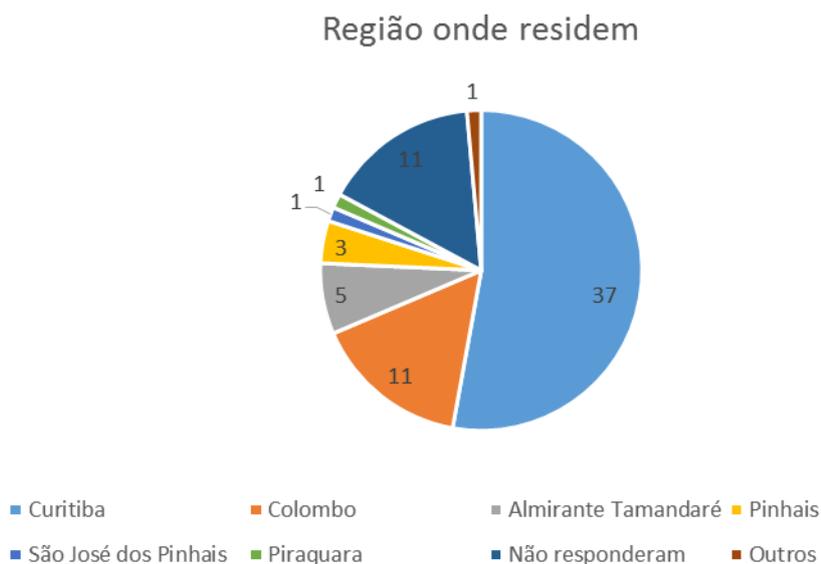
Fonte: Dados elaborados pela autora (2015).

Com relação ao gênero dos participantes, nota-se que a maioria das respostas foram de meninos, porém com pouca diferença e possivelmente com uma equidade, levando em conta as cinco pessoas que não responderam à questão.



Fonte: Dados elaborados pela autora (2015).

Ao final das perguntas que tratavam das informações pessoais dos alunos, o questionário solicitava as regiões de moradia dos estudantes, buscando compreender os contextos de vida dos alunos e a variedade de classes e vivências dentro da escola.



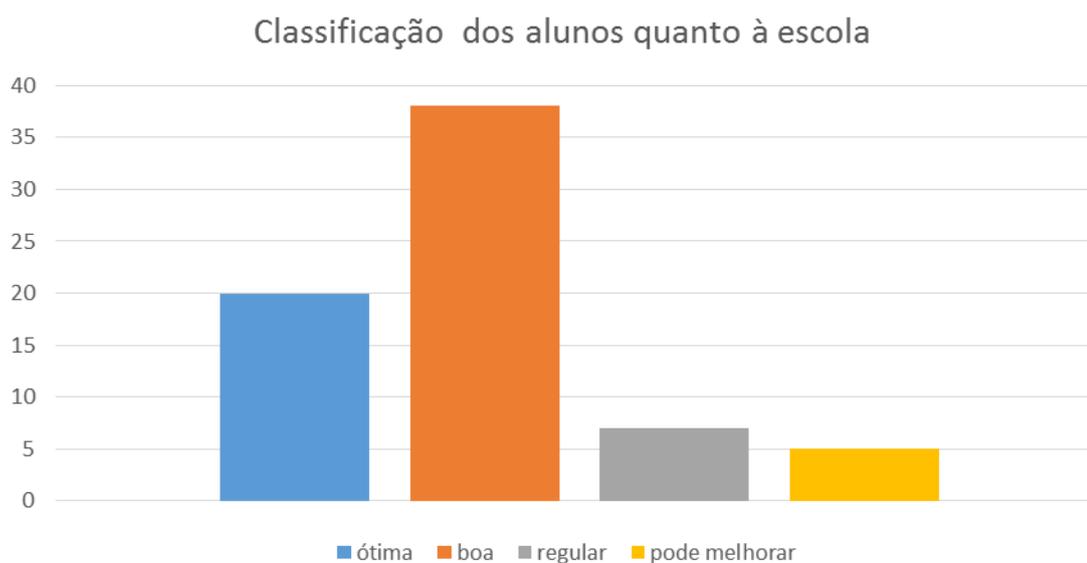
Fonte: Dados elaborados pela autora (2015).

Com os dados, foi perceptível que boa parte dos alunos residem na própria cidade de Curitiba, variando de bairros centrais a periferias. Também é visível um alunado advindo da região metropolitana, incluindo alunos de quase todas as cidades, com grande parte residente em Colombo. Estes dados podem estar relacionados à quantidade de ônibus da região metropolitana que circulam próximo da escola, dado este que, além de constatado pela observação do local, foi destacado por uma professora do Ensino Médio durante a aplicação dos questionários.

## 5 REPRESENTAÇÕES DOS ADOLESCENTES

Partindo do pressuposto da autonomia do educando e dos sujeitos como ativos e criadores de suas histórias, utilizou-se como abordagem metodológica o princípio da voz e vez (FREIRE, 1996), com a intenção de trocar conhecimentos por meio do diálogo, dar visibilidade à expressão dos estudantes e valorizar seus saberes.

A primeira questão colocada aos alunos solicitava a sua opinião referente à escola, especificamente o que eles pensam a propósito da configuração atual da instituição. No gráfico abaixo são apontadas as percepções dos próprios alunos.



Fonte: Dados elaborados pela autora (2015).

Percebe-se através dos dados que boa parte dos alunos revelam estar de certa forma satisfeitos com a escola, com metade das respostas apontando o colégio como um bom ambiente de ensino, com bons professores, amigos, uma escola que se preocupa em ajudar sempre que necessário e um local com o qual “se acostumaram”, segundo as falas de alguns alunos.

As respostas e argumentos que colocam a escola como regular ou que poderia melhorar, estão reveladas nas falas dos alunos:

*“As paredes que precisam pintar, quadros velhos. Melhoraria com o governo enviando verbas”.*

*“Bem eu acharia melhor a escola ter armários para colocar nossos materiais para que a gente não carregue tanto peso na mochila”.*

*“É muita liberdade acho que poderia ser mais rígida em vários aspectos”.*

*“Não gosto das atitudes de como os professores tratam os alunos, poderiam mudar suas atitudes”.*

*“A bagunça e a falta de respeito com o professor”. (Falas dos adolescentes, sujeitos desta pesquisa, 2015).*

Os estudantes assinalam questões sobre a estrutura do ambiente e o repasse de verbas do governo, a gestão escolar e a falta de uma postura mais rígida quando necessário, a melhora das relações respeitadas entre professores e alunos e entre alunos e a ampliação dos métodos de ensino e da didática no desenvolvimento das aulas.

## 5.1 PARA VOCÊ, O QUE É UMA EXCLUSÃO?

A partir dos dados coletados, esta investigação teve seguimento com a leitura dos dados e a construção de indicadores e categorias de acordo com os objetivos deste trabalho.

As representações dos alunos em relação à exclusão dentro da escola foram organizadas como consta na tabela a seguir:

**Tabela 2 – Indicadores e categorias: Representações de exclusão dos estudantes**

<b>Indicadores</b>	<b>Categorias</b>
Ser deixado de lado	Grupos de afinidade
Se sentir diferente	
Ser punido	Atividades educacionais
Não ter a atenção dos professores	
Não participar das atividades	
Não poder ir à escola	
Solidão	Isolamento
Dificuldade em se relacionar	

Fonte: Dados organizados pela autora, com base na análise de conteúdo, 2015.

A partir do objetivo de localizar as representações dos estudantes sobre a exclusão dentro da escola, foram encontradas as seguintes categorias: **grupos de afinidade; atividades educacionais; isolamento.**

Na categoria **grupos de afinidade**, aparecem como um dos indicadores as situações: *ser deixado de lado*, com relatos de que a ação de excluir é quando alguém não participa de atividades em grupo ou é ignorado pelos colegas, o que despertaria até mesmo um sentimento de inferioridade e rejeição.

Para Mattos (2012, p. 220), “ser excluído ou estar em estado de exclusão é ficar à margem, sem possibilidade de participar da sociedade, das relações sociais”. Portanto, pode-se associar as representações reveladas pelos estudantes, com o conceito científico sobre a exclusão social que já tem sido estudado por vários autores. As representações, assim como a teoria, remetem a exclusão ao fato de perder o direito a participação, seja por ações seletivas dos grupos sociais ou por um processo de culpabilização do próprio sujeito.

Outro indicador que reflete o fato de *se sentir diferente* dos outros, segundo os alunos, são as situações onde alguns alunos (as) são excluídos (as) dentro da escola devido a sua opção<sup>3</sup> sexual, ao modo como se vestem ou se portam, ou por características pessoais que muitas vezes não se enquadram nos padrões recorrentes da sociedade, que são refletidos na escola.

Os autores Salles e Silva (2008), apresentam em seu artigo dados referentes às condições muitas vezes pré-estabelecidas para as interações sociais através de padrões segregativos e severos

A sociedade categoriza pessoas em função, dentre outros aspectos, do que se considera comum e natural para um grupo social, uma faixa etária ou um status social. As preconceções que construímos sobre um grupo de pessoas são transformadas em expectativas e normas de comportamento e esperamos que elas ajam de acordo com elas. (SALLES; SILVA, 2008, p. 155 – 156).

Diante disso, podemos afirmar que a escola reproduz fielmente os padrões seletivos presentes na sociedade em geral, de certa forma buscando moldar os

---

<sup>3</sup> Expressão utilizada pelos adolescentes em suas respostas.

estudantes para uma convivência social que exige padrões elitizados e favorecidos pela cultura dominante.

Outra categoria suscitada a partir dos dados foi a de **atividades educacionais**, que remete aos acontecimentos que os alunos relatam como excludentes com relação às ações dos professores ou da escola. Dentro desta categoria estão como indicadores *ser punido, não ter a atenção dos professores, não participar das atividades e não poder ir à escola*.

Para eles, esta é uma atitude considerada injusta, pois se trata da diferença de atendimento entre os alunos, tendo como privilegiados aqueles alunos que se destacam em geral por suas notas ou por uma conduta mais cativante com os professores.

Esses fatores vão contra os principais pressupostos da educação, sendo que o processo educativo deve ser pautado na igualdade de acesso e atendimento, independente das características pessoais dos alunos, tratando-se até de uma postura antiética.

As autoras Stoltz e Parrat-Dayan (2007) trazem contribuições significativas para o trabalho da educação e da inclusão, com a proposta de uma educação para o desenvolvimento da autonomia, fator este que pressupõe a troca de experiências e de diálogos.

O reconhecimento da existência do outro não significa somente reconhecer sua própria existência, mas é também o fundamento que permite “o viver juntos”. Essa seria a função de um sistema educativo em que se reconheça a existência do outro, e não daquele que pretende estimular o sucesso como resposta a interesse individual. (STOLTZ; PARRAT-DAYAN, 2007, p.102).

Para os alunos, ser excluído também é não participar de ações educativas, ser punido e não poder ir à escola, com consequências como a perda de nota devido ao seu comportamento e a falta de atenção dos professores. Essas atitudes revelam um método de ensino que espera uma padronização dos alunos, não valorizando muitas vezes a diversidade de saberes e de características, mas sim estimulando a competição com o sucesso de cada um.

Por fim, a última categoria sinalizada foi o **isolamento**, com os alunos apontando que alguns colegas se auto excluem, tendo atitudes de não interagir com

os grupos de amigos por vontade própria, por não se sentirem à vontade com esta interação ou por serem “pessoas solitárias” como eles mesmo colocam. Tratando ainda do conceito de exclusão, Mattos traz a seguinte proposição

Outrossim, a exclusão se fez como produto de um sistema social cruel, que instalou-se com base em mecanismos sociopsicológicos de coação, de culpabilização individual, elaborando subjetividades determinadas por um sentimento de culpa, de frustração, de fracasso. (MATTOS, 2012, p. 221)

Portanto, pode-se inferir que estes alunos colocados como “solitários” ou “isolados”, não se sentem pertencentes a este meio, ou acham que não merecem participar de determinadas atividades, pois muitas das vezes já abstraíram da realidade este sentimento de frustração e fracasso, preferindo manter-se afastados para não sofrer com as consequências de não estar muitas vezes dentro do perfil de aluno popular ou bem avaliado pelos professores.

## 5.2 VOCÊ ACHA IMPORTANTE ESTUDAR? POR QUÊ?

Com a aplicação dos questionários esperou-se encontrar também o que os alunos julgam como um conteúdo ou tema importante para sua vida, oportunizando uma reflexão sobre o impacto do trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula e quais implicações para a vida dos estudantes determinadas atitudes ou métodos podem proporcionar (ROGERS, 2009).

Abaixo, apresentam-se na tabela os apontamentos dos estudantes sobre o estudo e a sua importância para a vida:

**Tabela 3 - Representações sobre as implicações do estudar**

<b>Indicadores</b>	<b>Categorias</b>
Estudar é importante para se formar em alguma área Para ter um bom emprego	Mercado de trabalho
Adquirir conhecimento para as relações nos ambientes sociais Ter uma cultura melhor	Status social

Fonte: Dados organizados pela autora, com base na análise de conteúdo, 2015.

As colocações dos estudantes revelam a consciência que eles possuem acerca da importância de ter um estudo, considerando como fator principal a necessidade de se aprender cada vez mais para se ter um bom futuro e um bom emprego, como mostra a categoria **mercado de trabalho**.

Perante estas colocações, observa-se, através dos alunos, que a proposta de ensino atual tem se baseado praticamente em instrumentalizá-los para o mundo trabalho, deixando a desejar nas questões mais pessoais, como espaços para trabalhar com valores humanos, sentimentos, assim como expressar sua própria forma de ser e pensar, não exigindo os mesmos resultados de todos.

Além disso, dentro da categoria **status social**, há evidências de que alguns estudantes, especificamente os que já estão cursando o Ensino Médio, compreendem o estudo para além do ofício da profissão, e como um meio de se obter conhecimento e ser mais esclarecido socialmente.

Apesar de alguns alunos considerarem a aprendizagem importante para a cultura, conhecimento e melhor posicionamento no mundo, percebe-se que esta categoria ainda está ligada a uma ideia de instrumentalização, podendo-se inferir sobre a segregação de alguns estudantes que têm o futuro como mão de obra barata e, outros, com cargos gerenciais e de valor social.

Para Ceccon, Oliveira e Oliveira, tem-se uma justificativa para tentar entender os condicionamentos do sistema de ensino, tendo em vista que

A escola não funciona desse jeito, por vontade própria. Ela não está solta no espaço. Na verdade, a escola não passa de uma peça numa engrenagem ainda maior que é a sociedade em que nós todos vivemos. (...) A escola, portanto, é parte integrante dessa sociedade injusta e desigual, em que regra de comportamento é "cada um por si e salve-se quem puder". (CECCON; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1986, p. 79-80).

Em ambas categorias nota-se a cultura de um sucesso único e pessoal, sem o incentivo de uma prática solidária e de uma escola que atenda a todos da mesma maneira, propiciando as mesmas oportunidades e acesso ao conhecimento. Diferente disso, há uma perspectiva excludente, com baixos índices de desenvolvimento e projeção de futuro, principalmente dos alunos mais desfavorecidos economicamente.

É evidente a dificuldade em compreender de fato o que seria o papel da escola, aquela que promove a socialização, a comunicação, a formação pessoal e coletiva, a troca de saberes, o apreender dos conhecimentos acumulados historicamente, para ajudar na compreensão do mundo atual e dos porquês de determinadas situações e, além de tudo, para a construção da identidade e desenvolvimento da autonomia.

Férrandez traz em seu texto alguns pressupostos da tarefa educativa, assim como sugestões para a convivência educativa de qualidade:

La tarea educativa, objetivo primordial de toda escuela, tiene mucho que ver con los procesos de comunicación, con las formas de llevar a cabo las diferentes acciones. El sentimiento de pertenencia, de identidad personal dentro del sistema, tanto para profesores como para alumnos es prioritario para desarrollar la tarea educativa. Por eso el trabajo en autoestima, tanto del profesor como del alumno y la atención a las necesidades personales han de entenderse como el primer eslabón de un clima de calidad. Esto se plasma en procesos de centro participativos, dialogantes, justos y comprensivos. (FÉRRANDEZ, 1998, p. 195).

Através das falas dos estudantes pode-se inferir que o espaço educativo não tem desenvolvido este sentimento de pertença e identidade dentro do ambiente, pois veem a escola como um degrau a ser subido na vida para fins objetivos e práticos e não para a convivência, não a descrevendo como um lugar de qualidade, de motivação e que promova interesse pessoal para além do que está posto.

### 5.3 COMO PODEMOS MELHORAR O ESPAÇO EDUCATIVO?

Outra expectativa com este trabalho foi a de encontrar alternativas para mudanças e melhorias das relações no ambiente escolar, considerando as falas dos alunos, observando as demandas trazidas em suas respostas nas questões que pedem sugestões para algo que não está adequado no espaço educativo.

Tabela 4 – Representações de melhorias para a escola

Indicadores	Categorias
Estrutura Método de ensino	Gestão escolar
Professores Alunos	Inter-relações

Fonte: Dados organizados pela autora, com base na análise de conteúdo, 2015.

Analisando as representações de melhoria para a escola, reveladas pelos alunos, construiu-se primeiramente a categoria **Gestão escolar**, que aborda os indicadores *estrutura* e *método de ensino*.

De acordo com os alunos, as principais mudanças que devem ser feitas na instituição estão relacionadas à estrutura, que aparece como o primeiro indicador desta categoria devido ao seu grau de frequência nas falas dos estudantes.

As queixas em relação à estrutura variam entre a falta de espaço adequado para a prática esportiva, a má qualidade das salas e da escola em geral. Por ser uma construção antiga, a sugestão de armários para guardar os materiais, pois alegam a dificuldade em ficar carregando muito peso na mochila e o risco em deixar as bolsas na sala devido aos casos de roubo dentro da escola, assim como sugestões de uma maior variedade e qualidade na merenda escolar.

No segundo indicador, os alunos criticam os métodos tradicionalistas de ensino, com aulas apenas expositivas, alegando que poderiam ser realizadas mais atividades no ambiente externo, com aulas práticas em laboratórios, por exemplo, construções coletivas com trabalhos voltados aos interesses dos alunos, valorizando suas ideias e opiniões, assim como uma postura mais acolhedora dos professores e da escola em “ouvir os alunos”, como eles mesmos propõem.

Este dado apresenta um fator importante para se pensar a organização que predomina nos sistemas de ensino atuais, que em sua maioria esperam dos alunos uma resposta meramente intelectual, de acordo com aquilo que foi repassado nas aulas.

Levando em conta os estudos referentes à organização dos processos cognitivos e afetivos, tem-se notado a grande influência dos aspectos afetivos-emocionais na aprendizagem dos alunos, podendo ser um elemento facilitador do processo de ensino-aprendizagem, como cita Mattos

A gestão da afetividade positiva proporciona prazer e alegria, bem como predispõe a reagir, em diferentes situações, adequadamente. O educador pode dar apoio ao educando, ajudando-o a superar os bloqueios emocionais com relação a uma determinada disciplina. Outrossim, o educador possibilita a identificação e a gestão das emoções nocivas à aprendizagem. (MATTOS, 2012, p.227).

Evidentemente, os processos de troca entre alunos e professores, seja por saberes ou por relações afetivas e de empatia, podem promover a boa convivência e, por consequência, facilitar a aprendizagem dos estudantes, obtendo até mesmo o tão almejado sucesso escolar, que está muito associado aos processos de envolvimento do aluno com o contexto e com as suas condições para a interação.

Na categoria **Inter-relações**, o destaque é para os indicadores *professores* e *alunos*. Em relação aos professores, os alunos fazem diversas colocações, afirmando que o professor deve ter respeito pelos alunos, explicar o conteúdo de forma acessível e clara a todos, educar pelo exemplo com atitudes coerentes em relação às suas falas, ter ética e compromisso com o trabalho, não diferenciando os alunos de acordo com suas especificidades. E sendo justo, responsável com o que se está passando aos alunos e tendo também uma certa rigidez ou autoridade, para não “fraquejar com os alunos”, como eles mesmos colocam.

Tratando da questão específica de educar pelo exemplo, os alunos trazem relatos como o uso do celular por professores em sala de aula, situação esta que é proibida aos alunos no mesmo espaço. Para Freire (1996), ensinar exige a coerência das palavras proferidas com as ações desenvolvidas, como cita em seu texto:

O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do “faça o que mando e não o que eu faço”. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo. (FREIRE, 1996, p. 34).

Com isso, tem-se clara a importância da “corporeificação” do educar, que deve estar presente no professor em seus atos, para além do conteúdo em sala de aula, mas no ouvir, no respeitar, na formação integral de ser educador e ter uma reflexão constante sobre sua prática.

Na convivência entre alunos, as sugestões se baseiam em respeito uns com os outros e com os professores, sugerindo atitudes mais normativas e de conscientização por parte da escola para trabalhar estas questões com todos:

Quanto mais criticamente a liberdade assume o limite necessário tanto mais autoridade tem ela, eticamente falando, para continuar lutando em seu nome. (...). É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 1996, p. 105 e 107).

Freire aponta como sugestão para o trabalho educativo o exercício da autonomia com os estudantes, criando alternativas e espaços para a participação ativa, mas também deixando claro o limite que deve se ter diante de tal liberdade, onde todos os sujeitos dentro da escola reflitam sobre seus atos com consciência e responsabilidade, ponderando sobre a ação democrática de cada um e os efeitos inerentes a estas relações.

## 6 REPENSANDO OS MODELOS DA ESCOLA ATUAL

Considerando a revisão de literatura presente neste trabalho, assim como as representações reveladas pelos adolescentes, fica evidente que o modelo atual de organização escolar tem se distanciado do que realmente se espera do ensino e da aprendizagem como um elemento significativo na vida dos estudantes.

Um dos elementos que se destaca é o fato de a própria escola propiciar um ambiente que muitas vezes exclui seus alunos e não os acolhe. Especialmente aqueles alunos que fogem dos padrões favorecidos socialmente, como a etnia branca, uma condição socioeconômica favorável, uma família com boa escolaridade, vivências culturais diversificadas e experiências de cuidado e proteção, além de serem já segregados socialmente, são punidos pela própria escola, que exige o mesmo desenvolvimento e interação de todos (CRAHAY; BAYE, 2013).

Para os estudantes, os fatores que mais os afetam são as relações sociais dentro da escola, quando os colegas os deixam de lado, quando os professores os tratam de maneira diferente ou faltam com respeito e quando eles sentem a dificuldade na aprendizagem e não têm um retorno de apoio, pois em geral não há uma metodologia de trabalho que ouça os alunos e suas demandas, seja pela falta de tempo dos professores para esta intervenção ou por falta de uma formação mais humanística e preocupada com o desenvolvimento integral de todos.

Outra questão apresentada pelos alunos e que chama a atenção, é a mercantilização do ensino, que tem incorporado nos alunos a função produtivista da aprendizagem, que tem como finalidade da educação o alcance de um bom trabalho ou de um status social favorecido, seja por almejar uma vida econômica melhor ou pelo fato de sentirem necessidade de ter uma cultura e um título que comprove sua escolaridade, tendo impacto na vida profissional e na construção da identidade de ser alguém útil perante a sociedade.

As falas dos alunos apresentam muitas sugestões positivas e que poderiam ser aproveitadas na gestão educativa, caso houvesse um maior espaço para o protagonismo juvenil dos estudantes, um trabalho articulado com as diversas redes de ensino e proteção das crianças e adolescentes, assim como a materialização das

pautas levantadas por eles, o que revelaria uma postura democrática da gestão escolar como um todo.

Dentro do ofício educativo, é possível rever as metodologias, desenvolver um trabalho de envolvimento com os professores e com os alunos e possibilitar reflexões acerca da prática, porém faz-se necessário uma aceitação e o comprometimento de todos.

Alguns modelos de intervenção pedagógica na organização escolar, como o de Fernández (1998), trazem como essencial para a melhoria das inter-relações escolares, uma reelaboração do currículo com a inclusão das temáticas de educação em valores, desenvolvimento social-pessoal e sentimentos, proporcionando uma atenção mais individualizada e humana aos sujeitos do processo educacional, buscando estratégias de intervenção e ajuda para refletir sobre a prática educativa e reduzir os conflitos, assim como avançar no desempenho escolar como um todo.

A escola como um todo precisa rever seus conceitos sobre o que é ser um bom aluno (a), o que dentro de todo conteúdo curricular pode ser significativo na vida dos estudantes e o que pode ser feito para melhorar a qualidade do ensino, trazendo a família e a comunidade sempre para perto da escola, e respeitando todos em sua diversidade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados deste trabalho, percebeu-se que os alunos em geral se “acostumam” com a escola e com as situações vividas dentro dela, inclusive com situações excludentes e punitivas. Este dado é importante para repensarmos as práticas educativas que têm permeado a escola e refletir sobre o que esperamos com estas ações, tendo em vista o discurso de educação para todos e de gestão escolar democrática.

Os dados apontam para a constatação de que, para os estudantes, a escola serve apenas para o ingresso no mercado de trabalho, fugindo das aspirações de uma educação integral e de formação humana, assim como pouco se vê um sentimento de pertencimento e afeto com a escola, diferente do que se tem desejado.

O processo de formação e atuação dos professores (as) e pedagogos (as) também é um fator importante para analisar as falas dos alunos, pois há ainda uma concepção de educação bancária como dizia Freire (1996), sem problematização do ensino e inserção de elementos do cotidiano nos conteúdos programáticos.

Também pode-se dizer que há uma falta de ética, muitas vezes sentida no relacionamento dos professores com os alunos, utilizando de fatores pessoais para atacar e até mesmo humilhar os estudantes, como forma de culpabilizar os sujeitos por todas as situações de vida que, em geral, culminam nos resultados escolares.

Estes fatores podem ser considerados uma contradição aos pressupostos defendidos pelo Estatuto da Criança e Adolescente (BRASIL, 1990) e pela LDB (BRASIL, 1996), que defendem a garantia do direito à educação e ao respeito e desenvolvimento integral dos sujeitos dentro da escola, bem como fora dela.

Nota-se na fala dos estudantes o reconhecimento que o professor (a) é importante em sua trajetória escolar, assim como seu papel social, o que gera uma expectativa positiva dos alunos quanto ao que o educador tem a propor. Quando o docente não possui a coerência da sua fala com seus atos e não cumpre seu papel no trabalho com os conhecimentos de maneira dinâmica e que considere as demandas e dificuldades existentes, os alunos perdem a credibilidade no professor e até mesmo o interesse pelo ensino, como demonstram em suas falas nesta pesquisa.

As representações aqui apresentadas exemplificam o que muito tem sido estudado e proposto por teóricos da área, de que a escola só será um ambiente justo e eficaz (CRAHAY; BAYE, 2013) quando superar as desigualdades sociais que adentram o espaço educativo, buscando alternativas para oferecer o acesso e a permanência de todos, considerando os alunos como seres integrais e múltiplos.

Embora os objetivos desta pesquisa tenham sido atingidos, foi perceptível que o aprofundamento das representações dos alunos por meio de entrevistas e/ou grupos focais teria sido extremamente positivo e ajudaria no aprofundamento qualitativo da temática, assim como na quantidade do levantamento de significados para análise.

Porém, diante deste estudo encontrou-se uma riqueza de sentidos nas falas dos alunos, oportunizando com esta experiência o protagonismo juvenil e a compreensão de como os alunos têm se sentido na escola e perante ela, como os fatores intraescolares têm afetado suas vidas e como as relações e interações no espaço educativo têm sido construídas.

É evidente a necessidade de uma reflexão sobre a prática educativa, a importância de se repensar e reestruturar o currículo atual e a reformulação do molde atual de gestão diretiva e vertical, articulando o espaço escolar com outras redes que possam favorecer o desenvolvimento social dos alunos. A ênfase nas representações dos alunos apresenta a busca por espaço dentro da escola, com direito a voz e vez e com relações de respeito e igualdade, almejando que a escola seja um espaço acolhedor e de apoio e não de estereótipos segregativos e severos.

Uma das alternativas possíveis para a melhoria destas relações entre alunos, seria a construção de oficinas, projetos, com temáticas levantadas pelos próprios alunos e a partir de seus interesses, disponibilizando espaços dialógicos para o debate de questões que perpassam as interações dentro do espaço educativo.

Se entendermos que a escola reproduz os moldes da sociedade, podemos concluir que, mudando a escola, também estaremos fazendo uma mudança externa a ela. Portanto, cabe a nós, como indivíduos conscientes e esperançosos, acreditar na força da educação como uma possibilidade que pode mover o mundo, de maneira a ensinar nossos alunos através do exemplo com o ato de lutar por um futuro melhor, almejando que todos tenham a garantia de uma qualidade de vida e de educação.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, W.M.J. de; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** Brasília, vol.94, n.236, p.299-322, jan./abr., 2013.

ARROYO, M. G. **Fracasso-sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos.** Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 7, p. 33-40, jan. 2000. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1072/974>>. Acesso em 03 ag. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.** Consulta ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Ideb. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/>>. Acesso em 20 ag. 2015.

CARBONE, R.A.; MENIN, M.S.D.S. Injustiça na escola: representações sociais de alunos do ensino fundamental e médio. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 30, n. 2, p. 251-270, ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a04.pdf>>. Acesso em 20 maio 2015.

CECCON, C., OLIVEIRA, M. D. de, OLIVEIRA, R. D. de. **A vida na escola e a escola da vida.** 15º ed. Petrópolis: Vozes, 1986, 95 p.

CRAHAY, M.; BAYE, A. Existem escolas justas e eficazes? Esboço de resposta baseado no Pisa 2009. **Cad. Pesqui.** São Paulo, v. 43, n. 150, p. 858-883, dez. 2013. Tradução Fernanda Murad Machado. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v43n150/07.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2015.

FERNÁNDEZ, Isabel. **Prevención de la violencia y resolución de conflictos.** 8. ed. Madrid: Narcea S. A. de Ediciones, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 146p. (Coleção Leitura).

FREITAS, L. C. **Avaliação: para além da “forma escola”.** EDUCAÇÃO: Teoria e Prática. Rio Claro, v. 20, n.35, p. 89-99, 2010.

GADOTTI, M. Projeto Político - Pedagógico da escola cidadã. **Salto para o Futuro: Construindo a escola cidadã, projeto político-pedagógico.** Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998. 96 p.

GOUVEIA, A. B.; SOUZA, A. R.; TAVARES, T. M. **O IDEB e as políticas educacionais na região metropolitana de Curitiba.** Estudos em Avaliação Educacional, Curitiba, v. 20, n. 42, p. 45-58, jan./abr. 2009. Disponível em:

<<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1466/1466.pdf>> Acesso em 26 set. 2015.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: \_\_\_\_\_. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993, p.17-44.

MATTOS, S. M. N. de. Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares. **Educar em revista**. Curitiba, n.44, p. 217-233, abr./jun., 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n44/n44a14.pdf>> Acesso em 18 ag. 2015.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Edição Gerard Duveen. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 404p.

NAIFF, L. A. M.; SA, C. P. de; NAIFF, D. G. M. Preciso estudar para ser alguém: Memória e representações sociais da educação escolar. **Paidéia**. Ribeirão Preto, v.18, n. 39, p. 125-138, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n39/v18n39a12.pdf> >. Acesso em 20 set. 2015.

ROGERS, C.R. **Tornar-se pessoa**. Tradução Manuel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli. Revisão técnica Claudia Berliner. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. 489p.

SALLES, L. M. F.; SILVA, J. M. A. P. E. Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. **Cadernos de Educação**, 1 (30), 149-166, 2008.

SOARES, J. F. Qualidade e equidade na educação básica brasileira: fatos e possibilidades. **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, p. 91-117, 2005.

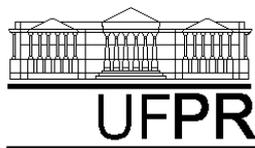
STOLTZ, T.; PARRAT-DAYAN, S. Educação e inclusão social: uma leitura possível a partir de Piaget. **Educação, Inclusão e Exclusão social: contribuições para o debate**. Orgs: GUÉRIOS, E.; STOLTZ, T. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2007. 160 p.

**APÊNDICES**

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... 54

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO ESTUDANTES..... 56

## APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO – CURSO DE PEDAGOGIA  
CURITIBA – PR – BRASIL

### TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Pesquisadora Responsável: Larissa Schnorr de França

Endereço: Rua General Carneiro, 460.

CEP: 800060-150 – Curitiba – PR

Fone: (41) 9612-8949

E-mail: larissa\_schnorr@yahoo.com.br

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “REPRESENTAÇÕES DE EXCLUSÃO DENTRO DA ESCOLA: O QUE DIZEM OS ADOLESCENTES? ”. Neste estudo pretendemos desenvolver discussão sobre os objetivos propostos pela escola e os resultados encontrados pelos jovens.

O motivo que nos leva a estudar o assunto é a possibilidade de discutir o papel do aluno enquanto sujeito do processo educativo, assim como definir qual o aprendizado tem se demonstrado significativo durante o processo escolar e como os alunos tem se sentido dentro da escola.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos realização de entrevista semiestruturada, através de questionário escrito, análise das respostas oferecidas, consolidação e análise dos dados coletados. Os riscos possíveis são a exposição dos dados da pesquisa a professores e dirigentes escolares. Benefícios possíveis decorrentes da pesquisa, são a possibilidade de se discutir o atual sistema escolar a partir do ponto de vista dos próprios alunos, apresentando suas impressões e conclusões sobre o processo escolar e seu desenvolvimento enquanto indivíduos, possibilitando o debate sobre os métodos educativos atualmente utilizados e o ponto de vista dos jovens.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, junto ao Setor de Educação/Coordenação do curso de Pedagogia – UFPR, e a outra será fornecida a você.

Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelos mesmos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos do estudo “REPRESENTAÇÕES DE EXCLUSÃO DENTRO DA ESCOLA: O QUE DIZEM OS ADOLESCENTES? ”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Curitiba, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

\_\_\_\_\_  
Nome e Assinatura – participante. Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/2015

Larissa Schnorr de França \_\_\_\_\_

Nome e Assinatura – pesquisadora. Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/2015

\_\_\_\_\_  
Nome e Assinatura – testemunha. Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/2015

## APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO ESTUDANTES

QUESTIONÁRIO ESTUDANTES

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_ SÉRIE: \_\_\_\_\_ ETNIA: \_\_\_\_\_

GÊNERO: ( ) feminino ( ) masculino

BAIRRO ONDE MORA: \_\_\_\_\_

1) O QUE VOCÊ ACHA DA ESCOLA EM QUE ESTUDA?

---

---

---

2) O QUE VOCÊ MENOS GOSTA EM SUA ESCOLA? COMO ISSO PODERIA MELHORAR?

---

---

---

3) QUAIS CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE UM PROFESSOR DEVE TER? E QUAIS VOCÊ NÃO CONSIDERA ADEQUADAS?

---

---

---

4) QUANDO VOCÊ OU ALGUM COLEGA TEM QUALQUER PROBLEMA, A ESCOLA OU OS PROFESSORES SE PREOCUPAM EM AJUDAR? O QUE ELES FAZEM?

---

---

---

5) Exclusão: Ato ou efeito de excluir ou de ser excluído. (Fonte: Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa)

PARA VOCÊ, O QUE É UMA EXCLUSÃO?

---

---

---

6) VOCÊ JÁ VIU ACONTECER ALGUMA EXCLUSÃO NA SUA ESCOLA OU SALA DE AULA? SE RESPONDEU SIM, O QUE ACONTECEU?

---

---

7) HOUVE ALGUMA SITUAÇÃO NA SUA ESCOLA OU SALA DE AULA QUE O FEZ SE SENTIR EXCLUÍDO E COM VONTADE DE DESISTIR DE ESTUDAR? SE QUISER, CONTE O QUE ACONTECEU.

---

---

---

8) VOCÊ ACHA IMPORTANTE ESTUDAR? POR QUÊ?

---

---

---

9) DE TUDO QUE APRENDEU NA ESCOLA, EXISTE ALGO QUE VOCÊ CONSIDERA QUE VAI SER IMPORTANTE PARA SUA VIDA? O QUÊ?

---

---

---

10) QUAIS COISAS QUE VOCÊ NÃO ESTUDOU E GOSTARIA DE APRENDER NA ESCOLA?

---

---

---

11) PARA VOCÊ, COMO SERIA UMA ESCOLA "IDEAL"?

---

---

---